

R E V I S T A

AUTISMO

#RESPECTRO

Espectro dividido

Proposta sugere um diagnóstico de “autismo profundo” separado do espectro

Ano XII - Nº 31 - DEZ/JAN/FEV.2026

SBNI lança atualização nacional sobre o TEA

O escritor autista que publicou 2 livros sem saber ler

O autismo poderia não ser um espectro

00031



ISSN

9 772596 053005

Exemplar de
Assinante / Distribuição

VENDA PROIBIDA



A woman with dark hair is shown in profile, looking upwards and smiling. She is wearing large, white, over-ear headphones. The background is a solid, muted purple color.

Mais no

Além do app,
agora temos o
Saúde no Espectro.



saúde espectro* com a tismoo

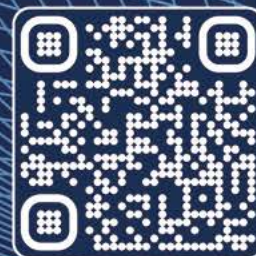
* e outras condições ligadas ao neurodesenvolvimento, como a Síndrome de Rett, CDKL5, Síndrome de Timothy, Síndrome do X-Frágil, Síndrome de Angelman, Síndrome de Phelan-McDermid, entre outras neurodivergências.

***Cuidado especializado
para quem você ama.***

Na Tismoo, desenvolvemos a **primeira linha de cuidado coordenado** dedicada exclusivamente à **saúde digital para pessoas autistas e neurodivergentes**.

Nossa **equipe multiprofissional** acolhe, orienta e acompanha toda a família, oferecendo um cuidado contínuo, próximo e mais humano..

Mais leveza. Mais segurança.
Mais saúde no dia a dia.



SAIBA MAIS

Índice

Colunas

Matraquinha	12
Autismo e Liberdade	26
Trabalho no espectro	48
Tudo o que podemos ser	50

Sessões

O que é autismo?	08
O que é a Revista Autismo?	09
HQ - André e a Turma da Mônica	10
Canal Autismo	23

Reportagem de Capa

16

Espectro dividido

proposta sugere um diagnóstico de “autismo profundo” separado do espectro

Reportagens e artigos

Carta para Blue	14
O escritor autista que publicou 2 livros sem saber ler	20
O autismo poderia não ser um espectro	28
O tênis como acolhimento e transformação	32
O casamento da minha filha	34
Experiência diferente em oficina de histórias	36
SBNI lança atualização nacional sobre o TEA	40
Do mito à ciência, afinal o que causa o autismo?	44

Leia este QR-code com seu celular e acesse a versão online desta edição com conteúdo extra.



EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano XI — número 31

Dezembro de 2025

ISSN: 2596-0539

Venda avulsa proibida

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 10.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTB: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Alexandre Beraldo

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Carmen Dalida, Cindy Dalfovo, Fábio Sousa ("Tio Faso"), Fatima de Kwant, Fernanda Barbi Brook, Izzy Costa, Lucas Ksenhuk, Marcelo Vitoriano, Mauricio de Sousa, Nicolas Brito Sales, Paula Ayub, Raquel Tortoreto, Samyra Oliveira, Simone Ali Chair, Sophia Mendonça, Thiago Cabral, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Biosintética, Clínica Somar, Matraquinha, Montando um Time, PECS-Brasil.

Apoiadores logísticos:

Jamef Transportes e Azul Cargo

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

X/Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: CanalAutismo.com.br/revista

Editado por: Revista Autismo

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2503 — cj.22 - Jd. Paulista - São Paulo - SP, CEP 01401-000
CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da **Revista Autismo** e seus editores.

Editorial

A cada nova onda de debates, fica evidente que o autismo continua desafiando nossas certezas. A proposta de dividir o espectro — tema revisitado pelo The New York Times em 01.out.2025 e que analisamos em profundidade na reportagem de capa desta edição — expõe tensões antigas entre grupos de famílias, ativistas autistas, pesquisadores e formuladores de políticas públicas. Separar o diagnóstico entre “autismo” e “autismo profundo” parece, para alguns, um caminho para dar visibilidade a realidades frequentemente ignoradas; para outros, representa o risco de fragmentar conquistas históricas, reforçar estigmas e criar fronteiras artificiais dentro de uma condição naturalmente diversa. O saldo desse embate ultrapassa o campo científico: revela divergências de experiências e prioridades e lança luz sobre o permanente desafio ético de compreender e incluir pessoas que vivem realidades muito diferentes sob o mesmo rótulo diagnóstico.

Entre declarações inflamadas de autoridades norte-americanas, análises técnicas e as vozes de quem vive o autismo no cotidiano, um ponto segue incontornável: não há respostas simples. A prevalência das formas mais severas não aumenta com

o tempo, como lembrou o neurocientista Dr. Alysson Muotri, mas o debate público cresce — e continuará crescendo — sempre que a sociedade tenta encaixar a complexidade humana em categorias rígidas. É preciso escutar mais, observar melhor e, acima de tudo, evitar que disputas políticas se sobreponham às necessidades reais das pessoas autistas e de suas famílias.

Também nesta edição, destacamos a reportagem de Tiago Abreu sobre as novas diretrizes da Sociedade Brasileira de Neurologia Infantil (SBNi), que reforçam a importância do diagnóstico clínico criterioso, do uso responsável de exames complementares e da valorização das práticas baseadas em evidências. E trazemos a inspiradora reportagem de Sophia Mendonça sobre Victor Beraldi, o jovem autista que publicou dois livros sem ser alfabetizado — uma parceria criativa com o pai que transformou a vida de toda a família. Somam-se a isso nossas colunas, artigos, notícias e mais um capítulo da HQ do André, o personagem autista da Turma da Mônica, compondo uma edição rica, diversa e profundamente conectada às questões que importam para o ecossistema do autismo. Convido você à leitura completa, pois, sem exageros, esta edição está excelente!

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da **Revista Autismo**, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo — Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovani, de 18 anos, que tem autismo e sabe tudo sobre super-heróis e zumbis, e da Samanta, de 16 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (**Revista Autismo**) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para editor@RevistaAutismo.com.br. Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe.

Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores.

Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/
RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/
RevistaAutismo](https://fb.com/RevistaAutismo)



[twitter.com/
RevistaAutismo](https://twitter.com/RevistaAutismo)



[youtube.com/user/
RevistaAutismo](https://youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/
RevistaAutismo](https://linkedin.com/company/RevistaAutismo)



[threads.net/
@RevistaAutismo](https://threads.net/@RevistaAutismo)

Quer colaborar com a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a **Revista Autismo**, envie um email para editor@RevistaAutismo.com.br, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).

Quem colabrou nesta edição



ALYSSON MUOTRI
neurocientista



CINDY DALFOVO
educadora



THIAGO CABRAL
psiquiatra



MARCELO MARIANO
psicólogo



WAGNER YAMUTO
empreendedor



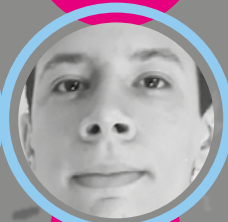
MARCIA MACHADO
arquiteta



RAQUEL TORTORETO
terapeuta



TIAGO ABREU
jornalista



NICOLAS BRITO SALES
fotógrafo



FÁTIMA DE KWANT
escritora



SIMONE ALI CHAIR
ativista



SOPHIA MENDONÇA
jornalista



PAULA AYUB
psicóloga

Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assine e receba em casa
CanalAutismo.com.br/assine

Baixe grátis as edições anteriores:
CanalAutismo.com.br/Revista

Fale conosco:
redacao@RevistaAutismo.com.br

Artistas que ilustraram esta edição



**LUCAS
KSENHUK**

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

✉ lucasksenhuk.com
📷 @lucasksenhuk.art/



**CAMILA ALI
CHAIR**

Paulistana, formada em animação e biologia, ilustra livros e artigos paleontológicos, desde criança fascinada por dinossauros e paleoartes.

📷 deviantart.com/freakyraptor
📷 @camila_alli



**BIA
RAPOSO**

Artista visual, professora e provocadora cultural. Ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu.

📷 @biabiaraposo



**QUER
ILUSTRAR?**

Quer ter uma ilustração publicada na **Revista Autismo**?

Leia as instruções no rodapé da página anterior.



**SAMYRA
OLIVEIRA**

Estudante, nascida em 2008, desenha desde sempre, mas começou a investir mais na área aos 9 anos. Passa a maior parte do tempo desenhando ou abrindo insetos.



**MAURICIO
DE SOUSA**

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a **Revista Autismo** desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

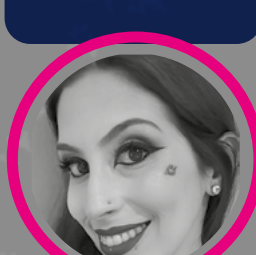
📷 @institutomauriciodesousa
📷 @turmadamonica



**ALEXANDRE
BERALDO**

Designer de formação, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte desta revista linda.

📷 @xandeberaldo



**IZZY
COSTA**

Ilustradora formada pela University of Hertfordshire, tem 27 anos e é autista.

📷 @izzy_costa_



**FERNANDA
BARBI BROCK**

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 @fer.barbi.brock



**CARMEN
DALIDA**

Carmem Dalida é autista e possui altas habilidades/superdotação. Dançarina, escritora, filósofa e desenhista, dedica-se às artes e à incessante busca do saber.

📷 @@carmem.dalida



**FÁBIO SOUSA
(TIO .FASO)**

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

📷 @seeufalarnaosaidireito

O que é AUTISMO

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por **Francisco Paiva Junior**

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.255 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana

de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica Aspies for Freedom (AFF), a partir de 2005.

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hiperreatividade sensorial.

O que é a REVISTA AUTISMO

A **Revista Autismo** é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a

Revista Autismo segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes.

Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, também pode assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital.

Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site **CanalAutismo.com.br**.

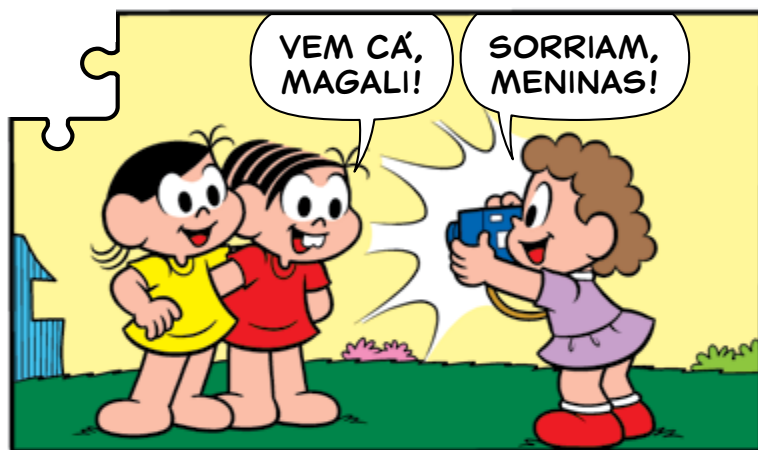


ANDRÉ

em

SINCERICÍDIO

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2019



Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:

[CanalAutismo.com.br/assine](https://canalautismo.com.br/assine)

Apoie e receba a versão digital:

[CanalAutismo.com.br/apoie](https://canalautismo.com.br/apoie)

latraquinha

A cartoon illustration of a red box with a window showing two sleeping white figures. A yellow spring is coiled around the bottom of the box. The word 'latraquinha' is written in red text on a blue background in the top left corner.



Wagner Yamuto

matraquinhaoficial
 @matraquinhaoficial
 matraquinha
 matraquinha.com.br

é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

No modo automático (e com sono acumulado)

Lá em casa, o tempo tem outro fuso.

Enquanto o mundo gira em 24 horas, o nosso gira em “ciclos de atenção contínua”.

Gabriel, nosso filho autista, está entre os níveis de suporte 2 e 3, o que, em tradução livre, significa que ele precisa da gente praticamente o tempo todo. É como viver num plantão que nunca termina, mas com mais amor do que qualquer escala de hospital.

A Grazy e eu aprendemos a nos comunicar no olhar.

Um levanta a sobrançelha e o outro já sabe: “banho ou jantar?”. O dia começa cedo, termina tarde e, no meio, tem de tudo, desde convencer o Gabriel a escovar os dentes até tentar fazer com que ele não saia correndo porta afora porque ouviu o barulho de um caminhão na rua.

E quando, milagrosamente, sobra um tempinho pra gente, casal, a cena é digna de comédia romântica... sem romance, sem trilha sonora e com muito sono.

— “Amor, vamos ver um filme?”

— “Bora. Qual o mais curto que tem?”

Começamos animados, prometendo que “desta vez vai”.

Mas, vinte minutos depois... pause.

No outro dia, retomamos de onde paramos, se lembrarmos.

Um filme de 1h40 costuma durar três dias por aqui. E se tiver legenda, aí é minissérie com temporada garantida.

As séries também resolveram conspirar

contra os pais exaustos. Antes tinham vinte minutinhos, perfeitos pra assistir enquanto o Gabriel brincava e a Agatha, nossa filha de sete anos, fazia mil perguntas sobre o universo. Agora têm uma hora. Uma hora! Claramente criadas por alguém que não tem filhos, nem Netflix parcelada em prestações de 20 minutos.

A Ágatha, por sua vez, também tem as demandas dela, e a gente tenta equilibrar os pratos da vida, cada um girando numa velocidade diferente. Tem dias em que parece que estamos participando de uma olimpíada invisível de resistência emocional. E o ouro, na maioria das vezes, é conseguir chegar até o fim do dia com todo mundo vivo, alimentado e (mais ou menos) feliz.

No fundo, a vida é isso: uma coreografia improvisada entre o caos e o amor.

Ser pai e mãe do Gabriel é desafiador, sim, mas também é transformador. A gente vive no modo automático, mas é um automático cheio de propósito, afeto e (muitos) cochilos não programados.

E, se por acaso você também está nesse modo, aquele em que o botão pause é o mais usado da casa, saiba que não está sozinho.

Conta pra gente: qual foi o filme que você começou e ainda não terminou? Ou o episódio da série que parou “rapidinho” e está pausado até hoje?

Quero ouvir suas histórias. Vai que, juntos, a gente consegue assistir até aos créditos. ☺



Carta para Blue

Monique*

Querida Blue,

Eu nasci na década de 1970, em uma época em que pouco se falava sobre autismo no Brasil. Aos 2 anos, fui diagnosticada com transtorno hiperkinético. Anos depois, o diagnóstico mudou: autismo. Na época, os médicos disseram à minha mãe que eu jamais seria alfabetizada. Recebi medicamentos como Gardenal e Neuleptil para controlar minha hiperatividade. Hoje, acredito que também apresentava sinais de TOD (transtorno opositivo desafiador), e talvez eu ainda carregue um pouco disso, apesar de nunca ter tido esse diagnóstico.

Minha mãe, muito determinada, me criou como uma criança típica. Fui para a escola, mas o ambiente escolar era muito difícil para mim. Eu não conseguia ficar parada, fugia da sala de aula para passear pelos corredores. Os livros não faziam sentido, eram confusos, o ambiente da escola era assustador e me fazia sentir triste e perdida. O que mais me machucava era não ter amigos, estar sempre sozinha nos recreios, sem entender por que ninguém queria brincar comigo.

O meu refúgio era um terreno abandonado em frente à minha casa. Lá havia muitas árvores, era meu reino encantado, onde eu podia ser eu mesma. Corria descalça, fazia os movimentos que hoje chamam de estereotípias, sem que ninguém me repreendesse. Subia em árvores e comia ameixas verdes. Era o único lugar onde eu sentia liberdade e felicidade, longe dos olhares e dos julgamentos.

Mas, como sabemos, a vida nem sempre é justa. Aos 6 anos, descobri que adultos podem ser cruéis, e essa foi a parte mais dolorosa da minha vida. Naquele terreno, morava uma família com quatro filhos. Eles eram meus únicos amigos, crianças menores do que eu, e eu amava brincar com elas. Até que um dia, o pai dessas crianças me chamou para um quarto e mandou os outros saírem. Eu achava que era apenas uma brincadeira, mas estava errada. O que aconteceu naquela tarde mudou a minha vida para sempre.

Os abusos continuaram por cerca de quatro anos. Eu aprendi, ainda criança, a me defender sozinha, porque quando contei, ninguém acreditou em mim. Eu era uma criança autista e diferente, e as pessoas viam em mim apenas uma menina "difícil", "malcriada" e "hiperativa". A minha palavra, de uma criança rotulada, não tinha valor diante da palavra

Monique

é um nome fictício para proteger a identidade da autora.

de um adulto. Era como se a minha voz

Muitas vezes, as crianças autistas não validado devido ao estigma e aos preconceitos sociedade frequentemente desqualifica seus relaciona um ambiente perigoso, onde seus pedidos de ajuda são ignorados. Além disso, o agressor costuma ser alguém próximo, alguém de confiança para a criança e sua família, como um parente, cuidador ou vizinho, muitas vezes, uma pessoa acima de qualquer suspeita. Essa proximidade e a imagem de “boa pessoa” que o agressor projeta tornam ainda mais difícil para as crianças se defenderem e serem ouvidas, reforçando a necessidade de atenção e cuidado redobrados por parte dos adultos ao redor.

É importante destacar que crianças autistas ou com outras deficiências têm um risco muito maior de serem vítimas de abuso. Li algumas pesquisas que indicam que cerca de 34% a 47% das crianças autistas sofrem algum tipo de abuso ou negligência durante a infância. O número é assustadoramente alto. Além disso, pessoas autistas são três vezes mais propensas a sofrer abuso sexual em comparação com pessoas não autistas. Isso acontece porque, muitas vezes, essas crianças não conseguem comunicar o que sentem ou o que está acontecendo de forma clara.

Decidi contar minha história por um motivo especial: Em 2019 eu conheci uma menininha, que chamarei de Blue para preservar sua identidade. Blue é autista, não verbal e, aos 10 anos, também foi vítima de abuso. Quando vi Blue pela primeira vez e soube de sua história, meu coração se partiu. Senti uma tristeza profunda e vergonha por nunca ter gritado para o mundo o que fizeram comigo, e o que continuam fazendo com outras crianças até hoje. Blue era frágil, e seu olhar doce era muito parecido com o meu olhar aos 6 anos, quando tudo aconteceu comigo.

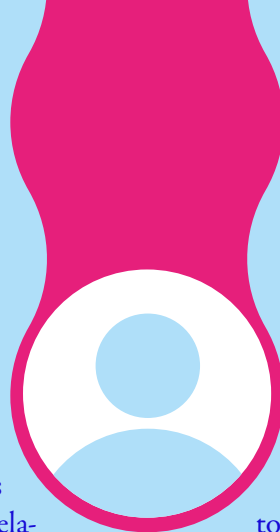
Quando era mais jovem, vi reportagens que afirmavam que pessoas abusadas na infância poderiam se tornar abusadoras. Na minha ingenuidade, por anos, carreguei esse peso e a culpa de que, por ter sido abusada, eu também era uma abusadora. Isso me perturbou profundamente, até que, já adulta, busquei ajuda num grupo de pessoas. Lá, fui acolhida e, pela primeira vez, ouvi que meu desejo de proteger as crianças era legítimo e verdadeiro. Entendi que o que eu sentia era amor e proteção, e não culpa ou maldade. Essa explicação foi um alívio, um peso que finalmente saiu dos meus ombros.

Por isso, hoje, estou aqui contando minha história. Quero que o mundo saiba da realidade das crianças com deficiência, das crianças que não têm voz e que são invisibilizadas. Nós precisamos prestar atenção aos sinais, porque o agressor, muitas vezes, está mais próximo do que imaginamos. O que estou contando é a minha verdade, e eu imploro que escutem as nossas crianças, que não ignorem seus gritos silenciosos.

Querida Blue, eu ouço a sua voz, mesmo que você não fale. E não vou me calar. Nós vamos lutar juntas por um mundo mais seguro para as crianças autistas, para que possam ser vistas, ouvidas e protegidas.

Escrevi esta carta 2 anos atrás.

Blue hoje está com 18 anos e começou a falar.



Espectro

Proposta sugere um diagnóstico de “autismo profundo” separado do espectro

Um artigo publicado em 01.out.2025 pelo jornal The New York Times reacendeu um antigo e delicado debate: o de dividir o espectro do autismo em duas categorias. A proposta, defendida por alguns grupos de pais e pesquisadores norte-americanos, sugere a criação de um diagnóstico separado chamado “autismo profundo” (em inglês: *profound autism*), para diferenciar os casos com maiores necessidades de suporte — especialmente aqueles que envolvem ausência de fala, deficiência intelectual e dependência integral de cuidados.

O texto, assinado pela jornalista Yuhua Liu, destaca o ponto de vista de famílias que se sentem deixadas à margem desde que o conceito de espectro foi ampliado, nas últimas décadas, para incluir pessoas com níveis muito distintos de funcionamento. Essa expansão, argumentam, teria diluído a compreensão pública sobre o autismo e desviado investimentos científicos das formas mais graves da condição. O artigo cita Alison Singer, presidente da Autism Science Foundation, que defende que “a ideia de que Elon Musk tem o mesmo diagnóstico que minha filha é absurda”.

Texto por Francisco Paiva Jr.

Ilustração
Bera

História

Desde o final dos anos 1990, quando o número de diagnósticos começou a crescer, o entendimento do autismo passou por transformações profundas. A quarta versão, de 1994, do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-4) incluiu a Síndrome de Asperger como parte do espectro

dividido

— algo que foi unificado em 2013, na quinta edição (DSM-5), sob o termo transtorno do espectro do autismo (TEA), com três níveis de suporte. Essa mudança ampliou significativamente o número de diagnósticos, incluindo pessoas que antes seriam consideradas apenas com dificuldades sociais, e também deu força ao movimento da neurodiversidade, que entende o autismo como uma variação humana, e não uma doença a ser curada.

A ampliação do espectro, porém, também trouxe tensões. Pais e cuidadores de pessoas com autismo severo relatam que o discurso da neurodiversidade muitas vezes não contempla suas realidades. Grupos como o National Council on Severe Autism afirmam que a representatividade das pessoas com deficiências mais graves diminuiu na pesquisa e nas políticas públicas. Uma pesquisa citada pelo The New York Times mostrou que 80% das famílias com filhos com autismo severo ouviram que eles eram “muito disruptivos” até mesmo para programas especializados.

De outro lado, ativistas autistas e defensores do conceito de espectro unificado veem o risco de

retrocesso. Para eles, separar o diagnóstico poderia reforçar estigmas e excluir novamente quem já lutou para ser reconhecido. A médica irlandesa Mary Doherty, fundadora da Autistic Doctors International, argumentou no artigo que “não conheço nenhum autista que apoie essa divisão”. Pesquisadores como Ari Ne’eman, da Universidade Harvard, também alertam que tal cisão criaria fronteiras artificiais em uma condição naturalmente diversa.

Autismo profundo: 1%

Especialistas em neurociência, contudo, concordam que é preciso olhar com mais atenção para as pessoas com autismo de suporte elevado, sem romper o conceito de espectro. O neurocientista brasileiro Dr. Alysson Muotri, professor da Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), lembrou que os dados populacionais não indicam aumento dessa forma mais grave (afirmação, aliás, que ele me fez na


reportagem sobre a divulgação do estudo de prevalência do CDC, em abril deste ano). “O autismo sintomático, que representa boa parte do autismo nível 3 de suporte, o chamado ‘autismo profundo’, continua sendo menos prevalente (ou mais raro) e não tem aumentado com o tempo, continuando a ter uma prevalência próxima de 1% da população”, afirmou Dr. Muotri, que é cofundador da startup Tismoo, especializada em saúde digital para autistas e outras neurodivergências.

Nos Estados Unidos, o debate ganhou força também por causa de declarações recentes do secretário de Saúde, Robert F. Kennedy Jr., que classificou o aumento de diagnósticos como “epidemia” e relacionou o autismo a vacinas e ao uso de paracetamol — alegações rejeitadas pela comunidade científica. O contexto político e o envolvimento do próprio presidente norte-americano amplificaram



as discussões sobre o que realmente explica a alta prevalência atual: se o autismo está, de fato, mais comum ou apenas mais reconhecido.

Entre a ampliação da compreensão do autismo e o risco de fragmentar o conceito, o consenso parece distante. A discussão reflete não apenas diferentes experiências, mas também disputas sobre representatividade, pesquisa e financiamento. Mais do que uma questão médica, o debate sobre dividir ou não o espectro escancara o desafio ético e social de compreender, incluir e apoiar pessoas com realidades muito distintas dentro do mesmo diagnóstico.

Para ler a reportagem original (em inglês) — “Should the Autism Spectrum Be Split Apart?” — publicada pelo The New York Times, acesse a versão online desta reportagem (para isso leia o QR-code na página do índice). 

Ainda sobre este tema, leia também o artigo de Fátima de Kwant, na pág. 30 desta edição.

Somando todos os dias ao desenvolvimento de cada criança

Acolhimento, ciência e cuidado individualizado para transformar histórias no tempo de cada criança.

Cuidar é somar.

Somar é transformar. 

UNIDADE PIEDADE: (81) 3465-3913, Jaboatão dos Guararapes/PE

UNIDADE OLINDA: (81) 4100-1166, Olinda/PE

UNIDADE BOA VIAGEM: (81) 3465-3913, Recife/PE

UNIDADE TORRE: (81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656, Recife/PE

UNIDADE ILHA DO RETIRO: Avenida Sport Club do Recife, Madalena. Recife/PE





Victor Bernaldi

O escritor autista que
publicou 2 livros
sem saber ler

Texto por Sophia Mendonça

Ilustração
Carmen Dalida

Em

entrevista a esta Revista Autismo e ao canal Mundo Autista, o empresário Fábio Câmara compartilhou a extraordinária jornada do filho, Victor Beraldi. O jovem autista, que não é alfabetizado, já publicou dois livros: "Minhas Histórias Inventadas e Felizes" e "Metade Peixe, Metade Gente".

O Autor que une mundos

As histórias de Victor são marcadas por uma imaginação singular e altruísmo. No primeiro livro, ele descreve um orfanato onde as crianças são acordadas não por um alarme, mas por "pequenos cachorrinhos" que entram no dormitório para lambe seus rostos. *"Ele tem um altruísmo gigantesco e sempre quer que todas as pessoas possam fazer tudo"*, explica Fábio.

Já o segundo livro é voltado ao hiperfoco em sereias. A obra nos apresenta uma coleção de 31 histórias fantásticas onde a imaginação se mistura com a realidade. Cada narrativa acompanha personagens únicos que são metade seres aquáticos e metade humanos: golfinhos, focas, peixes-leão, baleias-orca, cavalos-marinhos e muitas outras criaturas do mar.

Na Amazon, onde ambos os livros estão disponíveis, comentários destacam a sensibilidade do autor. Para a leitora Glaucimara, as histórias de Victor, embora pareçam fruto da ficção pura, são um reflexo da maneira singular como o autor vê e sente o mundo. Com isso, mostram a linha tênue entre o real e o imaginário e a habilidade do autor de transitar por esses dois universos.

Um processo criativo único

A parceria literária entre pai e filho começou de forma inesperada, quando Victor, ainda criança, encontrou o pai escrevendo em seu escritório. *"Ele passou e perguntou: 'Papai, o que você está fazendo?' E eu respondi... 'estou escrevendo um livro'"*, relatou Fábio. Ao ouvir do pai que aquilo era uma "profissão de escritor", Victor declarou imediatamente: *"Então papai, também quero ser escritor"*. O desafio era claro: Victor não conseguia ler nem escrever. A solução de Fábio foi imediata: *"Tá, vamos começar agora. Senta aí atrás de mim"*.

Desde então, a dupla desenvolveu uma rotina de criação. Victor senta-se no escritório e começa a ditar as narrativas, que Fábio transcreve. Assim, cabe ao pai digitar e organizar o texto do filho, enquanto tenta ser *"o mais fiel possível ao que ele fala"*.

Uma família transformada

A jornada de Victor redefiniu a vida de toda a família. Fábio, antes executivo de uma multinacional, pediu demissão para fundar a própria empresa, buscando a flexibilidade e



Sophia Mendonça

📧 omundoautista.uai.com.br

é jornalista, doutoranda e uma das criadoras do canal Mundo Autista, no YouTube, tendo editado o livro *"Neurodivergentes - Autismo na Contemporaneidade"*.

"O maior ganho de todo o processo foi na autoconfiança de Victor"

Leia este QR-code e assista à entrevista em vídeo desta reportagem.



#RESPECTRO

os recursos necessários para custear os tratamentos do filho. Sua esposa, psicóloga, redirecionou toda a sua carreira acadêmica: ela fez mestrado e doutorado, pesquisando sobre distúrbios infantis para ajudar o filho e outras pessoas com condições semelhantes.

Na entrevista, Fábio também abordou a difícil trajetória educacional de Victor, marcada pela rejeição em escolas regulares. Ele admite que a família se arrependeu de *"insistir em acreditar no plano de inclusão do governo"*, que não funcionou para o perfil de seu filho. A grande virada, segundo o pai, ocorreu quando Victor foi matriculado em uma escola especializada. *"Quando caiu essa ficha, ele evoluiu gigantescamente"*. Para Fábio, a lição disso é que o autista *"precisa ter um atendimento personalizado"*.

O poder da autoestima

O maior ganho de todo o processo, como destaca Fábio Câmara, foi na autoconfiança de Victor. *"Ele ganhou autoestima, porque agora para todo mundo ele fala: 'Eu sou escritor, eu tenho meu dinheiro, eu faço as minhas coisas'"*. Essa transformação permitiu que Victor parasse de se ver em um lugar de inferioridade e abraçasse as próprias diferenças.

A vida de Victor, porém, não foi a única a se transformar pelo contato dele com a arte. *"Cada um de nós que temos a sorte de interagir e de aprender com um autista... temos um caminho iluminado. E isso, sem dúvida, é uma missão espiritual"*, arremata o pai, Fábio Câmara. ✨

C · A · N · A · L AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do **Canal Autismo**, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site **CanalAutismo.com.br** ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.

BH reúne 1.300 pessoas no 1º Congresso Mineiro TEA na Atualidade

O 1º Congresso Mineiro TEA na Atualidade reuniu 1.300 participantes em Belo Horizonte (MG), entre autistas, familiares e profissionais de diversas áreas, consolidando-se como um dos maiores encontros sobre transtorno do espectro do autismo (TEA) do país em 2025. Durante três dias, o evento abriu espaço para debates qualificados, atividades formativas e trocas essenciais sobre o neurodesenvolvimento, com uma programação extensa que incluiu mais de 70 palestrantes e 27 workshops, nos dias 15 a 17.nov.2025.

Coordenado pela médica Florence Assis, autista e mãe atípica, ao lado do procurador Gustavo Lavorato e da arteterapeuta Rosely Rossito, o congresso ganhou destaque não somente pela organização, mas pela sensibilidade que move o projeto Montando um Time. Pais de cinco filhos, sendo dois autistas, Florence e Gustavo levaram sua vivência e trajetória de acolhimento para dentro do encontro, fortalecendo o caráter humano e inspirador do evento.

Entre as atividades mais elogiadas pelo público, estiveram as palestras do neuropediatra Marcelo Masruha, que conduziu duas sessões esclarecendo dúvidas complexas e dialogando diretamente com a plateia. Também receberam grande reconhecimento as apresentações do neurocientista Júlio Santos, conhecido pela profundidade técnica e clareza, e do neurologista infantil Hélio Van der Linden, cuja didática facilitou a compreensão de familiares

e professores. Outros destaques foram Walter Camargos Jr. (psiquiatra), Karine Loutfi (pediatra), Thelma Ribeiro Noce (neuropediatra), Luis Renato Braga Areas Pinheiro (defensor público), Anderson Coelho (fisioterapeuta, presidente do Crefito 4), Vivianne Lima Campos Moura (psicóloga e neuropsicóloga).

A presença da secretária municipal de Educação de Belo Horizonte, Natália Araújo, que participou da abertura do evento, destacando o papel da formação docente e o compromisso da rede com práticas inclusivas, reforçou a importância do comprometimento institucional com a inclusão nas escolas, especialmente diante da participação expressiva de 500 professores da rede municipal.

Além das palestras, o congresso promoveu rodas de conversa, fórum de políticas públicas, atividades artísticas e a gravação de um podcast

especial com diversos palestrantes. O evento também abriu espaço para trabalhos científicos, valorizando produções acadêmicas relevantes na área, ficando, em primeiro lugar "Transtorno Do Espectro Autista (TEA) em Crianças do Município de Mariana - MG", de Lígia Caroline Glória, Nancy Scardua Binda, Isamara Buback Abreu Góes, Renata Cristina Rezende Macedo do Nascimento, Flávia Dias Marques-Marinho; em segundo lugar, "O Programa de Atividades Lúdicas em Diferentes Contextos/UFSJ e a importância do brincar no desenvolvimento infantil: às crianças com TEA", de Kathleen Simões Elias, orientada por Alessandra Pimentel.

A cobertura completa, com vídeos, fotos e bastidores do evento, está disponível no Instagram oficial: @congressomineirodetea.



Público na entrada do 1º Congresso Mineiro de TEA no The One, em BH.



Podcast Introvertendo faz festa à fantasia com karaokê para autistas

O podcast Introvertendo segue com episódios semanais, liberados às sextas-feiras. De outubro a dezembro, foram publicados mais de 10 episódios com discussões sobre desregulações emocionais, jeitinho brasileiro, seletividade alimentar e vida financeira. Um destaque vale para o episódio com participação do ex-integrante Luca Nolasco. Além disso, o programa também promoveu o evento Karaokê dos Autistas, uma festa à fantasia para autistas no dia 01.nov.2025, conduzida pelo apresentador Marx Osório. O Introvertendo é uma produção do Núcleo de Arte e Inclusão do Autista (Naia Autismo), ONG de Goiânia (GO). Os episódios podem ser acompanhados nos principais players de podcast, como o Spotify e outros, no canal da Naia no YouTube (youtube.com/@NAIAAutismo), ou no site Introvertendo.com.br.

Divulgação / Naia Autismo



Marx Osório ao lado das terapeutas Neila Sobrinho, Beatriz Gontijo e Danielle Carrijo, no evento Karaokê dos Autistas.

#RESPECTRO

Azul cargo
Express

Seja dono do seu próprio negócio!

Abra sua loja e faça parte da Azul Cargo Express, uma marca líder em logística e transporte de cargas no Brasil.

Suporte completo, potencial de ganhos e operação simplificada.

Afinal, longe é um lugar que não existe para nós.

Saiba mais:





Beto von Poser

Capa do episódio com Beto Bon Poser.

O Espectros, podcast mensal desta **Revista Autismo**, lançou mais episódios de sua série de entrevistas com figuras históricas do autismo. Em setembro, o entrevistado foi Beto von Poser, que já foi presidente da Associação de Amigos do Autista (AMA-SP).

Outubro foi a vez da psicóloga Paula Ayub, que possui mais de 30 anos de participação na comunidade do autismo. Em novembro, foi a vez de Sabrina Ribeiro, psicóloga que participou do primeiro estudo-piloto de prevalência de autismo no Brasil.



Podcast Espectros recebeu Beto Von Poser, Paula Ayub e Sabrina Ribeiro

#RESPECTRO

Conectamos empresas, entregamos confiança!

Com mais de 60 anos de experiência, a Jamef oferece soluções personalizadas em transporte rodoviário e aéreo por todo o Brasil, com agilidade, segurança e eficiência.



Acesse nosso site.

Leve sua empresa ainda mais longe com a Jamef.





Autismo & Liberdade



Alexitimia e a construção das emoções



Alexitimia é um desses termos estranhos do qual nunca ouvimos falar e de repente ocupa diversos textos e vídeos com os quais nos deparamos. Costuma aparecer como uma das características mais comuns em pessoas autistas, e significa a dificuldade de identificar e nomear o que se está sentindo.

Isso se refere tanto ao que sentimos como necessidades fisiológicas básicas, como fome e sono, quanto a emoções complexas como angústia, raiva, frustração.

Para compreender a alexitimia, é necessário entender como as emoções se desenvolvem. Vou me basear na psicologia histórico-cultural de Vigotski, embora o que vá apresentar também seja coerente com as descobertas mais recentes das neurociências.

O primeiro ponto é que as emoções e os sentimentos não são inatos e estáticos, não estão ligados a um aspecto biológico específico, a uma única parte pré-determinada do cérebro. Elas são construídas ao longo de toda a vida, transformando-se conforme nossas experiências. Mesmo aquelas que surgem assim que nascemos, podem se transformar ao longo dos anos: o medo de altura é um dos únicos medos que parecem ser inatos na espécie humana, mas em um avião você pode encontrar tanto pessoas que ficam tranquilas e relaxadas ao olharem pela janela, quanto pessoas que sentem ataques de pânico e só conseguem



**Cindy
Dalfovo**

📷 @cindyautista
é autista, ativista e
mestre em Educação.



viajar sob efeito de medicamentos.

Então, o que é necessário para aprendermos a identificar nossas emoções? Pensem nas crianças pequenas: em um primeiro momento, toda sensação é aterrorizante, uma confusão de sensações com as quais ela não sabe lidar. É na convivência com as pessoas ao seu redor que ela passa a fazer ligações entre essas sensações; é porque a alimentam quando chora que ela passa a entender o que é fome. A palavra tem um papel fundamental: falamos do que sentimos, e a criança aprende a nomear suas emoções porque primeiro nomearam essas emoções para ela. Dizemos "você está assim porque está com fome, venha comer que você vai se sentir melhor". Quando nomeamos o que sentimos, nos fortalecemos, porque passamos a ter a possibilidade de construir ferramentas para lidar com esses sentimentos: aprendemos que quando nos sentimos de tal maneira, a forma mais efetiva de lidar com a situação é comer. Ou dormir. Ou escrever em um diário. Ou sair para caminhar.

E por que esse processo parece ocorrer com dificuldade em pessoas autistas? Bom, há diversos fatores que colaboram para que isso aconteça. Em primeiro lugar, a pessoa autista tem uma forma diferente de prestar atenção no mundo: ela costuma ter uma atenção profunda em um único foco específico, o que a leva a passar longos períodos sem dar atenção aos diversos estímulos de seu próprio corpo, apenas percebendo que

precisa ir ao banheiro ou se alimentar quando já se encontra em uma situação crítica.

É necessário que a pessoa autista entenda isso e encontre uma forma de prestar atenção no próprio corpo em momentos de transição.

O segundo maior fator é que pouco se conversa com pessoas autistas sobre o que ela está sentindo, e muitas vezes sentimos o mundo de formas muito mais intensas do que as pessoas ao nosso redor. É necessário que as pessoas ao redor tenham a paciência de ouvir, de refletir, de investigar o que a pessoa autista sente. Quando sinto fome por um período superior a uma hora, a fome desaparece da minha barriga e se instala na minha cabeça, o que me deixa profundamente irritada e incapaz de me concentrar. Sou profundamente sensível a sons, inclusive à fala humana, e ouvir a mastigação alheia pode me causar uma irritação tão profunda ao ponto de querer bater a cabeça na parede. Se nunca falamos, se nunca conversamos, se nunca contamos nossas histórias, essas sensações permanecem como um todo confuso, com o qual não conseguimos criar compreensões e ferramentas. A boa notícia é que isso significa que podemos desenvolver uma melhor compreensão sobre nossos sentimentos. A ruim é que hoje ainda é difícil encontrarmos o apoio de que precisamos para que isso aconteça. ✂

* O autismo poderia não ser um espectro

Quando a ideia de um simples espectro do autismo, indo de pouco a muito suporte, confunde a sociedade

Um artigo em inglês, publicado no jornal The Independent, “Why autism may not be on a ‘spectrum’ after all”, em 07.out.2025, chamou a minha atenção por levantar uma questão recorrente nas comunidades do autismo do Brasil e do mundo: a definição insuficiente do que seja o autismo na realidade.

Fora do Brasil, é comum se dizer que alguém “está no espectro”. Porém, para irritação de muitas pessoas autistas e de seus familiares, a frase enfatiza o costume popular de se referir a uma pessoa que aja um pouco diferente das demais, como “um pouco autista”.

Afinal, o que é estar no espectro autista?

Desde que o autismo saiu das pesquisas para o conhecimento geral, várias definições passaram pela literatura científica a partir do século 20 até os dias atuais: “autismo infantil precoce” e “esquizofrenia infantil” (Leo Kanner); síndrome de Asperger (Hans Asperger) até a expansão do que seria definido como “espectro”, nas décadas de 1970 até o ano 2000, como menciona Feinstein em seu livro de 2010. Os termos usados a partir

dali foram largamente usados na literatura científica e na terminologia das emergentes comunidades do autismo internacionais, aqueles denominados nos passados manuais de definição do autismo.

O espectro

Nos anos 1980, a psiquiatra inglesa Lorna Wing usou o termo pela primeira vez. Profissional, autora e mãe de uma filha autista, a Dra. Lorna transformou a maneira como o autismo era entendido, na época, na Inglaterra e em outros países. Naquele tempo, o seu conceito de “espectro do autismo” foi um divisor de águas. Pela primeira vez, o autismo era considerado uma vasta gama de traços e experiências, ao invés de uma condição definida como rara e incapacitante no todo.

Décadas após o surgimento de um espectro, volta-se à confusão que qualquer terminologia traz quando tenta definir uma condição indefinível como o autismo.

Na tentativa de simplificar o espectro, muitos cientistas estabeleceram documentos que, com o passar do tempo, mudam para facilitar a leitura, entendimento e aplicação dentro da neurociência, comunicação, e comportamento — estimulados pelo déficit no neurodesenvolvimento humano. Dentro desse contexto, termos como “leve”, “moderado” e “severo” já não correspondem às manifestações singulares do autismo



Fátima de Kwant

é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo.

✉ autimates@gmail.com
 🌐 www.autimates.com
 📘 @Autimates
 📷 @fatimadekwant

em cada indivíduo autista. Em realidade, alguns cientistas de todo o mundo argumentam sobre a utilização de tais termos.

No Brasil, já se tornou tabu usar adjetivos comparativos para designar o tipo de suporte que uma criança, adolescente ou adulto autista necessita.

Em uma análise entre a terminologia atualizada pelo DSM-5 TR — a edição atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais — e a compreensão geral da sociedade que, cada vez mais, se interessa por temas relacionados ao autismo e neurodivergências, encontramos uma discrepância significativa no entendimento da descrição de níveis de suporte — nível 1 (pouco suporte), nível 2 (suporte substancial) e nível 3 (suporte muito substancial) e seu significado real.

Estudiosos do autismo contrários à definição do DSM-5 TR afirmam que essa caracterização de níveis é vaga e aplicada inconsistentemente, nem sempre refletindo a experiência na realidade de cada indivíduo autista, como mencionam Volkman e Klin, em artigo de 2005.

Categorias

O ser humano tem o hábito de categorizar conceitos e colocá-los onde caiba a sua lógica.

O problema se encontra no fato de o autismo ser altamente complexo para ser ordenado da forma que a maioria dos transtornos pode ser.

Autismo às vezes é deficiência, outras, eficiência que, na maior parte do tempo, se intercalam e entrelaçam. Os dois extremos se alternam em inúmeros aspectos e situações na vida diária de pessoas autistas, individualmente.

Independente do nível de suporte, pessoas autistas têm dificuldades e habilidades singulares. Cerca de 80% de pessoas autistas apresentam comorbidades aleatórias que, geralmente, dificultam seu funcionamento, comportamento e qualidade de vida. Já outras, passam pela vida inteira sem saberem ser autistas, visto que suas dificuldades foram compensadas de alguma forma a ponto de não apresentarem obstáculos insuperáveis.

De volta ao espectro. Qual o problema, então?

Quando alguém ouve a palavra “espectro”, imagina uma linha reta que vai de um ponto a



Na Holanda, usa-se o "código de barras", um método inédito de reconhecimento de características de autistas.

outro. Ou uma paleta de cores que vai de tons bem claros aos tons mais escuros. Aplicado ao autismo, o pensamento automático — ainda que muitos não o digam — é de “mais autista” até o “menos autista”. Porém, não é dessa forma que o autismo se manifesta.

Autismo profundo

Recentemente, a denominação de “autismo profundo” foi sugerida pela Lancet Commission — um grupo internacional de experts — para autistas com dificuldades de aprendizado e/ou muita necessidade de suporte (2021). O termo foi bem recebido em algumas comunidades científicas dos EUA, mas rechaçado por outros grupos, incluindo parte dos próprios autistas.

No caso, o termo “profundo” não traria benefícios, enquanto pouco diz sobre os desafios particulares da pessoa autista, assim como do tipo de suporte que ela requer. Para estas pessoas, o termo “autismo profundo” seria equivalente à antiga “síndrome de Asperger” — também introduzido na Inglaterra pela Dra. Lorna Wing. Em suma, usar tais palavras — autismo profundo e síndrome de Asperger — divide pessoas autistas em nada mais que “muito autistas” e “pouco autistas”, uma suposição que não traduz a essência da criança, adolescente ou adulto autista ao lidar com suas possibilidades de evolução pessoal.

Autismo na realidade

O autismo é a personificação de inúmeros e distintos traços e necessidades, sempre mostrando combinações únicas, como uma impressão digital.

Alguns autistas precisam de muita rotina, estrutura e previsibilidade, mas não todos. Igualmente com os seus “stims” — movimentos repetitivos — e hiperfocos, a intensidade varia, assim como a rigidez cognitiva e o controle de funções executivas que os ajudem a participar de ambientes onde não precisem de suporte para estarem.

Por ser construído por tantos elementos diferentes, é impossível delinear uma linha (espectro) onde cada pessoa autista vem sendo colocada.

Código de barras

Na Holanda, é usado um método inédito de reconhecimento e definição de características da pessoa autista, chamado de “código de barras”. Assim como um rótulo de qualquer produto leva seu código intransferível, que o distingue de outros milhares de produtos parecidos, pessoas autistas recebem o seu próprio “código” — definição

do seu autismo. Não há outro igual. O código de barras é uma ferramenta de auxílio na identificação do autismo individual. É como uma impressão digital de um indivíduo autista.

Esse direcionamento foi criado pela terapeuta comportamental, Lindy Simons, baseado no método holandês, “Geef me de 5” para autistas, consistindo em algumas sessões clínicas com especialistas em autismo, treinados pelo centro de autismo Stevig. Cada elemento de déficit estabelecido pelo DSM-5-TR — Comunicação Social, Interação Social, Comportamento (Restrito e Repetitivo) e Processamento Sensorial — são definidos junto com o paciente, a fim de apresentar o seu “código de barras” na condição autista.

Este procedimento contribui para que muitos autistas holandeses e suas famílias compreendam, de forma simples e direta, como o autismo se apresenta naquela pessoa. Pode-se pensar neste documento como uma espécie de passaporte da pessoa autista.

Divisão de autistas

Meio aos tantos debates em grupos internacionais do autismo, existe uma preocupação urgente de que colocar pessoas autistas em categorias, ou em um espectro, possa beirar o julgamento sobre seu valor para a sociedade.

As argumentações devem continuar para que tanto a ciência quanto a sociedade neurodiversa possam contribuir uma com a outra.

O que não se pode, sob qualquer circunstância, é permitir que a sociedade corra o risco de desumanizar aqueles com maior necessidade de suporte ao mesmo tempo em que superestima os déficits dos autistas com, teoricamente, pouca necessidade de suporte. Confira a bibliografia deste texto na versão online (leia o QR-code na página do índice desta edição). ☞



curso em vídeo

**Aprenda
informática
com cursos
grátis feitos
por especialistas**

Criação de sites,
Programação,
Word, Excel e
muito mais.



GUSTAVO
GUANABARA



cursoemvideo.com

✕ Tô no Jogo

O

projeto idealizado e fundado pela ex-tenista profissional Cláudia Chabalgoity, utiliza o tênis adaptado como instrumento de inclusão e desenvolvimento humano. Muito mais do que ensinar um esporte, o Tô no Jogo promove autonomia, autoestima e integração social por meio de uma metodologia própria baseada em três pilares:

- Técnica do Tênis: desenvolvimento motor e fundamentos esportivos;
- Cognição e Emoção: estímulo das funções cognitivas e emocionais;

- Corpo e Energia: consciência corporal e bem-estar físico.

Com 12 núcleos ativos distribuídos entre São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, atualmente, 386 alunos com deficiência intelectual, autismo e outras condições do neurodesenvolvimento participam das atividades semanais. Indiretamente, mais de 1.200 pessoas também são beneficiadas,

entre familiares, educadores e profissionais das instituições parceiras.

“Mais do que formar atletas, queremos formar pessoas seguras, felizes e integradas. O tênis é apenas o ponto de partida para o desenvolvimento humano e o fortalecimento dos vínculos familiares. O Tô no Jogo tem transformado vidas e histórias”, destaca Cláudia Chabalgoity.

As aulas são conduzidas por uma equipe multidisciplinar de 33 profissionais – entre professores, coordenadores e terapeutas – que



Atualmente são 12 núcleos ativos distribuídos em SP, RS e DF.

O tênis como ferramenta de acolhimento e transformação

garantem o cuidado e a adaptação necessária para cada participante. Em 2025, foram utilizadas 541 bolas de tênis, 68 raquetes, 16 redes, 360 cones e 186 uniformes, evidenciando o alcance e a estrutura da iniciativa.

Com o apoio da Lei de Incentivo ao Esporte, de patrocinadores comprometidos com a transformação social e do investimento direto da própria fundadora, o Tô no Jogo já aplicou mais de R\$ 2 milhões em infraestrutura, capacitação profissional,

materiais esportivos e acompanhamento pedagógico, garantindo a qualidade e a continuidade das ações.

O projeto também realiza festivais e vivências esportivas em parceria com APAEs e instituições locais, promovendo momentos de celebração e integração entre alunos, famílias e comunidades. Outro destaque são as vivências integrativas voltadas à saúde emocional de pais e educadores, com foco em autocuidado e fortalecimento dos laços familiares.

A visibilidade do Tô no Jogo cresce a cada

ano, com diversas aparições em mídias e reportagens, reforçando seu papel como modelo nacional de inclusão por meio do esporte.

“O Tô no Jogo mostra que o investimento social em projetos esportivos é capaz de gerar impacto real, duradouro e humano”, completa Claudinha, como é carinhosamente chamada.

Tô no Jogo é um movimento de acolhimento, inclusão e transformação, onde cada aluno encontra seu ritmo, seu espaço e o sentimento de pertencer a um mesmo jogo: o da vida. ✂



Casa Byrd House

@sabyrdhouse

Esta página é um oferecimento da
Casa Byrd House,
apoio do Tô no Jogo.



O total é de 386 alunos com deficiência intelectual, autismo e outras condições do neurodesenvolvimento.

✕ O casamento de minha filha autista

Um dia de cada vez, mas sempre em frente



Texto por **Simone Alli Chair**

Ilustração **Tio. Faso**

Ainda me recordo quando o psiquiatra, muito conceituado, me deu o diagnóstico de minha filha, naquela época, como tendo a Síndrome de Asperger. Lembro-me de suar frio: "ela vai morrer?". Não sabia nada sobre o autismo, nunca tinha ouvido falar sobre a "síndrome", então entrei em pânico. Mas, quando ele me explicou, senti-me aliviada e agradecida por finalmente ter respostas para perguntas nunca esclarecidas. Tudo passava a fazer

sentido. Para mim não era uma questão de "rótulo" e sim de identidade. Durante a consulta, o médico teve uma fala muito infeliz. Ele profetizou que a Camila nunca teria amigos, não conseguiria terminar a escola, não se casaria. Tudo, segundo ele, resultado da sua dificuldade de interação social e comportamento extremamente retraído e introspectivo. Meu marido me disse que na hora eu fiquei muito vermelha e rangendo os dentes. Eu respondi: "Você não conhece a minha filha e muito menos eu para definir algo tão sério. Vou te provar que está enganado". E provei.

Foi fácil? De jeito algum! Hoje, aos 35 anos, a Camila tem uma turma de amigos muito bacana, leais e fiéis ao tempo. Está sempre passeando com eles, sempre "batendo perna". cursou Design em Animação na faculdade, por ser uma talentosa desenhista. Tornou-se uma das poucas paleoartistas brasileiras

Simone Alli Chair

 @simone_alli_chair
 vozesatipicas.org

é mãe de dois adultos autistas, uma das organizadoras da caminhada do autismo em São Paulo (SP), graduada em serviço social, com pós-graduação em TEA e diversas áreas correlatas, pós-graduanda em psiquiatria e transtornos mentais da infância e adolescência e em neurociência e comportamento, além de integrante do comitê gestor do Plano Estadual da Pessoa Com o Transtorno do Espectro Autista.

(os paleontólogos da USP a contratam para ilustrar cientificamente seus livros sobre dinossauros). Ela ilustrou um livro infantil sobre dinossauros vendido até nos Estados Unidos. Me enche de orgulho pelas conquistas e pelo árduo caminho percorrido. Ao longo de sua vida teve namoros longos e na faculdade conheceu o Luan. Os iguais se acham e se identificam. Foi o início de uma amizade bonita e saudável. Mas ela estava namorando outro, e o tempo passou. Anos depois, ele a procurou e se declarou. Começaram a namorar e, após 2 anos, veio o casamento.

Tenho um casal de filhos e sonhava ver minha única filha entrar de noiva numa igreja. Quando percebi o desespero dela, a ansiedade e o pânico de se imaginar entrando numa igreja e ser o

foco das atenções, tive que sufocar meu sonho e priorizar o que era melhor para ela: algo discreto e rápido. Deixei bem claro que seria do jeito dela, algo que a deixasse confortável. E assim foi. Camila se casou no civil, com outros casais por perto, usando um discreto vestido branco, lindo de doer. Como me emocionei! A escolha dela não poderia ser melhor, Luan é um rapaz extremamente culto e inteligente, enchendo minha filha de mimos, carinho, respeito e parceria. Se ele é autista? Diagnosticado nunca foi, mas eu, especialista em transtorno do espectro autista, com várias pós-graduações, 30 anos de militância na área e convivendo 24 horas por dia com autistas, não tenho dúvidas: sim, ele é. Como disse anteriormente, os iguais se reconhecem e se procuram.

Casamento nunca foi garantia de felicidade e sucesso, mas vê-la casada me trouxe uma profunda sensação de alívio, de que no futuro alguém estará ao lado dela, quando eu e meu marido não mais estivermos aqui. Hoje, tem seu próprio lar, que decorou e estruturou do jeito que quis, trabalha de forma independente como ilustradora, e vejo nela uma felicidade radiante. Sempre, ao me recordar das palavras do psiquiatra que a diagnosticou, não consigo evitar a expressão de um sorriso de quem nunca desistiu de acreditar, mas reconhecendo que o mérito é totalmente da Camila. Usando a minha frase favorita com ela, termino aqui: "um dia de cada vez, mas sempre em frente". ∞

✕ Rumo ao universo

Autistas vivem uma experiência diferente em uma oficina de criação de histórias

Texto por Paula Ayub & Raquel Tortoreto

Ilustração
BERA



Paula Ayub / divulgação

Amanda Cesar Corrêa e Diego Lima de Souza discutem ideias sobre ilustrações e texto.

Era uma vez um mundo que ainda não existia, dormente entre o nada e a ideia. Ali, algo começou a se mover, uma vontade de ser e existir. Foi assim que surgiram os Criadores.

Não eram deuses, nem Prometeus. Eram múltiplas vozes, no início dispersas e sobrepostas, que vinham do desconhecido para o mesmo propósito: a criação. Dentre os fragmentos de pensamentos, a ânsia do fazer estruturou o curioso microcosmo de que falaremos a seguir:

A oficina de criação de histórias. Uma ideia antiga que se concretizou entre as paredes de um sistema psiquiátrico, o CAISM Vila Mariana, para artistas e apreciadores das artes, que também eram autistas.

Que as necessidades de acessibilidade, comunicação facilitada, organização de atividades por etapas e cronograma pré-estabelecido para manutenção da previsibilidade são muito importantes para os autistas, isso todo bom clínico já sabe.

O que talvez possa ser uma novidade é o quanto um ambiente cercado de disponibilidade, presença e confiança pode ser suficientemente seguro para receber vários autistas numa oficina onde a principal ideia é construir algo: algo ainda totalmente desconhecido e sem forma definida.



Raquel Tortoreto

@roseli.claro.tea
@diariodeumamulhercomtea
@gmetodo

é terapeuta ocupacional, especialista em saúde mental e em neurologia.



Paula Ayub

eumeprotejo.com
@eumeprotejobrasil
@paulaayubb

é psicóloga clínica, terapeuta de família, fundadora do Centro de Convivência Movimento – local de atendimento para autistas –, autora de vários artigos e capítulos de livros, membro do "Eu me Protejo" e colunista do Canal Autismo.

A imaginação, antes dita restrita e deficitária nesse público (DSM-5; American Psychiatric Association 2013), foi campo de trocas de saberes, estimulando a flexibilidade de cada um para ouvir o outro, cedendo suas ideias e tecendo juntos o que achavam melhor.

E foi assim que demos início a essa jornada que tem nos deixando a cada semana mais e mais tocados ao reconhecer que, de fato, não há limite, não há um ponto onde possamos dizer: ele chega só até aqui.

Somos cinco profissionais do ambulatório TEAMM - Unifesp (centro especializado em TEA, ligado ao departamento de psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, com foco na assistência, ensino e pesquisa), que acreditam na ideia de duas pessoas comuns da sociedade, de construção de um mundo literário menos hostil e mais horizontal, sem comandos. E foram convidados 15 autistas ligados às artes que aceitaram esse desafio em prol da escrita e do desenho artístico.

Nosso primeiro encontro foi envolvido por questionamentos sobre metas a cumprir e etapas a percorrer. Para alguns era claro que a oficina não daria certo. E o que era dar certo e... “dar certo para quem?”. Flexibilidade foi a resposta. Trabalhávamos com flexibilidade todo o tempo e texto e imagem foram sendo construídos em muitas mãos.

Os encontros foram marcados pela exploração do novo, até que encontramos uma rotina confortável. Ao chegarmos, éramos recepcionados com um aquecimento e alongamento, depois conversávamos sobre o processo criativo durante a semana que passou. Em seguida,

era o momento mais aguardado: a criação por si só. Às vezes, em pequenos grupos, auxiliando aqueles que se sentiam mais confortáveis em menor número, ou todos juntos. A finalização era a apresentação do que foi produzido, e o que faríamos no próximo encontro. Tudo era feito em conjunto, ouvindo suas ideias e montando um grande e complexo quebra-cabeças.

Em nosso último encontro, tivemos uma experiência muito diferente da nossa rotina de ambulatório. Nossos representantes da sociedade civil, pessoas comuns ligadas às artes, convidaram todos a ir ao piano da instituição para tentarmos compor uma música para nosso projeto. Todos nos levantamos de imediato e fomos ao salão onde estava o piano.

Música nos corredores de um equipamento psiquiátrico, acordes em experimentação, sorrisos por todos os lados, curiosos se aproximando e, em seguida, uma explosão de canções e alegria no ar. Sim, quase poderíamos tocar a alegria.

Eu e Raquel, as autoras desse pequeno ensaio, nos abraçamos e ficamos ali paradas, olhando todo aquele movimento, aquela espontaneidade e criação com um forte sentimento de tarefa cumprida. Não, nossa oficina ainda não havia acabado, temos ainda uma jornada pela frente, mas está claro: nossa equipe agora tem cerca de 22 pessoas e o mundo utópico de Fernando e Rodrigo (idealizadores do projeto) já existe fora do papel.

Um microssistema que se ouve respeitosamente, compõe suas atividades entre competência e colaboração, muda de ideia, abre frentes inesperadas e conversas paralelas.

Foto: Carolina Sobrinho / divulgação



Ao piano, Giovanna Paiva de Sousa; em pé, Fernando Tibiriçá, idealizador do projeto — Arte em todas as suas formas e idades.



Criaram, ali, conexões que vão para além do trabalho proposto.

Não houve nenhum protocolo de função executiva ou habilidade social, ou de qualquer outra possível necessidade que um cérebro neurodivergente pudesse ter. Estivemos presentes, inteiros para as relações, para ouvir suas inquietações e apresentar possibilidades diante de impasses. Tivemos horas de silêncio onde quiseram trabalhar em seus textos e seus desenhos, e momentos de descontração com uma história de afeto, ou uma lembrança engraçada.

Em outros momentos, algumas pessoas traduzindo seus pensamentos em palavras que outros pudessem dar formas a esses pensamentos.

Nossa função, como profissionais de saúde, era garantir um setting terapêutico potente, mas, na realidade, foi pela interação espontânea e pela singularidade de cada um, que o espaço se transformou em acolhimento e afeto. Cada semana que se passa, mais os vínculos se fortalecem entre eles, em um pertencimento mútuo e colaborativo.

Hoje só nos fica o desejo de agradecer a todos pela possibilidade de contar e viver essa história.*8

Equipe TEAMM

Daniela Bordini, psiquiatra coordenadora do ambulatório de TEA.

Coordenadoras da equipe

Paula Ayub, psicóloga clínica (@paulaayubb); Monique Kamada, autista, neuropsicopedagoga (@moni_neuro.atipica); Silvia Minami, psicóloga (@silviaminami); Carolina Sobrinho Magalhães, professora de educação física, personal trainer (@carollapersonal); e Raquel Tortoreto, terapeuta ocupacional (@raquel.tortoreto).

Equipe de Criação

Giovanna Paiva de Sousa, estudante de Direito, @gi_mariae; Thomaz Neuber, historiador, estudante de história (thomaz.neuber@hotmail.com); Toni Ricardo Eugenio dos Santos, pesquisador em economia bancária (@toni.santos); Pedro Gallego Barenco, 20 anos, estudante de CDIA na PUC-SP (pgbarenc@gmail.com); Amanda Cesar Corrêa, estudante de letras (amandacesarc@gmail.com); Diego Lima de Souza, estudante de desenho artístico (diegolimadesouzadiego@gmail.com); Paulo Cesar Pinheiro, letrólogo, tradutor intérprete de Libras, psicopedagogo (paulo.ctea@gmail.com); Izzy Costa, ilustradora formada pela University of Hertfordshire (@izzy_costa_).

Idealizadores do Projeto

Fernando Tibiriçá, criador de conteúdo artístico (<http://linkedin.com/in/fernando-tibiriçá-9122324b>) e Rodrigo de Sant' Anna, produtor cultural (@rds.digo).



Atualização nacional sobre o TEA

Sociedade Brasileira de Neurologia Infantil divulga diretrizes sobre autismo

Texto por **Tiago Abreu**

Ilustração
BERA

E

Em out.2025, a Sociedade Brasileira de Neurologia Infantil (SBNI) divulgou novas diretrizes para o diagnóstico do transtorno do espectro do autismo (TEA), com o objetivo de orientar profissionais da saúde sobre práticas baseadas em evidências científicas.

O documento, chamado “Recomendações e Orientações para o Diagnóstico, Investigação e Abordagem Terapêutica do Transtorno

do Espectro Autista”, foi publicado no portal da instituição e contou com a colaboração de cinco pesquisadores do Departamento Científico de Transtornos de Neurodesenvolvimento da SBNI: Helio van der Linden Junior, Carlos Gadia, Paulo Emidio Lobão Cunha, Júlio Amaro de Sá Koneski e Erasmo Barbante Casella.

Sinais

O documento traz uma descrição sobre o autismo com base na atualização mais recente do Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-5-TR (2022), com as características divididas nos domínios de interação social e comunicação e de interesses restritos e repetitivos. Entre esses sinais observados, estão a ausência de contato visual, a limitação na vocalização, a dificuldade de interação e o desinteresse por brincadeiras.

O diagnóstico, segundo o documento, é clínico e deve considerar a observação direta da criança, entrevistas com familiares e análise do histórico de desenvolvimento. Por não existir um marcador biológico específico para

o TEA, o diagnóstico acaba por ser dependente da experiência do profissional.

Por isso, a SBNI alerta para a necessidade de diferenciar o transtorno de outras condições que podem apresentar sintomas semelhantes, como transtornos de linguagem, deficiência intelectual e o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). A recomendação é que o diagnóstico precoce seja priorizado para permitir intervenções ainda nos primeiros anos de vida, quando a plasticidade cerebral é maior.

O documento também descreve que o nível de suporte deve ser determinado com cuidado, já que o quadro pode se alterar ao longo do tempo e autistas podem se desenvolver ao longo dos anos, conforme as intervenções aplicadas. Outras recomendações são de investigações complementares de outras condições que possam coexistir com o autismo. O mapeamento genético com sequenciamento completo do exoma é recomendado em casos específicos, como quando há deficiência intelectual, epilepsia ou consanguinidade. O documento descreve que, no Brasil, o acesso a esses exames ainda é limitado no sistema público e privado.

Intervenções

A publicação também compila diferentes revisões que indicam as práticas baseadas em evidências para o autismo, com base nos levantamentos internacionais do National Standards Project (NSP), desenvolvido pelo National Autism Center, vinculado à Maryland University, além dos trabalhos publicados pelo Frank Porter Graham Child Development Institute (FPG) da University of North Carolina (UNC-Chapel Hill).



Tiago Abreu

Instagram: @otiagoabreu_

Jornalista, mestre e doutorando em comunicação e autor do livro “O que é neurodiversidade?”.



Entre as intervenções descritas, a análise do comportamento aplicada (ABA) é apontada como a abordagem com maior evidência científica, podendo ser combinada a outras terapias, como fonoaudiologia e terapia ocupacional. A entidade recomenda a atuação de equipes transdisciplinares e a participação ativa dos pais no processo terapêutico. A maioria das 28 práticas baseadas em evidências possuem influências teóricas da análise do comportamento.

Em relação ao uso de medicamentos, o documento esclarece que não há tratamento farmacológico específico para os déficits centrais do autismo. O uso de antipsicóticos, psicoestimulantes e melatonina é reservado para casos de comorbidades, como agressividade, TDAH e distúrbios do sono. Substâncias como canabidiol e ácido fólico ainda são consideradas experimentais, sem indicação clara para uso rotineiro.



A maioria das 28 práticas baseadas em evidências tem influências teóricas da análise do comportamento.

Práticas não recomendadas

O documento também desestimula o uso de práticas terapêuticas sem validação científica, como dietas sem glúten ou caseína, o uso de ômega 3, suplementos sem evidência de eficácia e terapias alternativas, como ozonioterapia, óleos essenciais, uso de florais e transplante fecal. Além disso, também não recomenda o uso do programa Son-rise e de intervenções baseadas na psicanálise. Segundo eles, essas práticas podem gerar riscos e levar famílias a abandonar tratamentos eficazes. Nesse sentido, também é descrito que não existe relação entre vacinas e o desenvolvimento do autismo.

Os pesquisadores também discutem o DIR/Floortime, que possui estudos publicados, mas ainda insuficientes para descrever sua eficácia e, portanto, pesquisas futuras são necessárias. O documento descreve que mídias sociais concentram uma série de relatos sobre o uso de terapias sem eficácia e que são recorrentemente disseminadas.



Mídias sociais concentram uma série de relatos sobre o uso de terapias sem eficácia.

Leia este QR-code e acesse o documento original no site da SBNI.



#RESPECTRO



Laudo versus relatório

Por fim, o texto dedica uma seção às orientações sobre relatórios médicos e laudos com base na Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 2381/2024, que regulamenta a emissão de documentos médicos.

Segundo o texto, laudo médico é o documento que descreve os resultados de exames complementares. Quando se trata de laudo médico-pericial, é um documento técnico elaborado por um perito oficial, com finalidade processual ou judicial. Já o relatório médico é considerado o documento mais adequado para o acompanhamento clínico e assistencial, e pode ser classificado em dois tipos: relatório circunstanciado, que é emitido pelo médico que acompanha o paciente e contém a data de início do acompanhamento, um resumo da evolução clínica, o diagnóstico e a terapia indicada ou em curso; e o relatório especializado, que pode ser emitido para pacientes assistidos ou não pelo médico, geralmente para fins periciais, e pode incluir

resultados de exames, interpretação científica e até referências à legislação vigente.

A instituição lembra que a definição de carga horária terapêutica deve ser feita em conjunto com a equipe multiprofissional. Em relação a cargas horárias intensivas, o documento descreve que alguns autistas podem precisar de intervenções de maior intensidade, enquanto outros não.

Eles descrevem que, no caso de autistas com nível de suporte 3, não verbais, com deficiência intelectual, muitas vezes a adaptação ao ambiente escolar pode falhar. Argumentam que “manter estes indivíduos forçadamente no ambiente escolar sob pretexto de uma ‘inclusão’ não parece razoável. Em casos assim, a avaliação médica, da equipe terapêutica e da família é fundamental para se encontrar alternativas que tragam mais conforto, segurança e eficácia na abordagem terapêutica e escolar do paciente”, com citações para escolas especializadas.⁴




Linha
SNC
Biosintética
Prescrição

**CUIDADO INTEGRAL
PARA UMA SAÚDE MENTAL
MAIS EQUILIBRADA**

✕ Do mito à ciência Afinal, o que causa o autismo?

Onde termina um e começa o outro?

O autismo sempre despertou perguntas sobre suas origens. De vacinas a medicamentos, muitos mitos foram criados ao longo do tempo. Mas o que a ciência realmente sabe sobre as causas do transtorno do espectro do autismo (TEA)? Neste artigo, revisamos as principais evidências e desmistificamos concepções equivocadas.

O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta cerca de 1 em cada 31 crianças de 8 anos, segundo estimativas mais recentes do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças

do governo dos EUA); no Brasil, temos diagnóstico de 1 em cada 38 crianças de 5 a 9 anos, segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgado em 2025. Apesar de décadas de pesquisa, suas causas ainda são cercadas de dúvidas e, muitas vezes, de desinformação.

Da ideia já superada de que vacinas causariam autismo até as recentes discussões sobre o paracetamol na gestação, a sociedade busca respostas simples para um fenômeno que é, na verdade, complexo e multifatorial.

Texto por **Thiago Cabral**

Ilustração
Izzy Costa



**Thiago
Cabral**

é médico psiquiatra
com especialização
em psiquiatria forense
e psicoterapia.

Instagram @cabralpsiquiatra
Email cabralmed@me.com
Website clinicaequilibrioebemestar.com.br

Mitos que persistem

Vacinas: já amplamente refutado. Grandes estudos com milhões de crianças demonstraram nenhuma associação entre vacinas (como a tríplice viral) e autismo.

Estilo parental (“mães-geladeira”): uma ideia ultrapassada da psiquiatria do século 20, sem qualquer embasamento científico, mas que causou estigma e culpa a muitas famílias.

Medicamentos isolados na gestação: como no caso recente do paracetamol, associações observacionais são frequentemente divulgadas, mas os estudos mais robustos não sustentam causalidade.

O que a ciência já sabe

Hoje, há consenso de que o autismo é resultado de uma combinação de fatores genéticos e ambientais, que interagem de forma complexa.

Estudos com gêmeos mostram que a herança genética responde por 60–80% do risco. Um grande estudo de 2019, feito com mais de 2 milhões de indivíduos, em 5 países diferentes, apontou para um risco genético 97% a 99% (sendo 81% hereditário) e 1% a 3% de risco ambiental (relacionado ao ambiente intrauterino).

Há centenas de genes associados ao espectro, mas nenhum isoladamente é determinante.



Variantes genéticas raras, mutações “de novo” (nome dado a mutações genéticas não herdadas) e herança poligênica contribuem de diferentes maneiras.

A prática clínica confirma

Na prática clínica cotidiana, é muito comum que o diagnóstico de um paciente leve à descoberta de outros casos na família. Muitas vezes, ao avaliar uma criança, identificam-se também sinais claros em seus pais, irmãos ou até avós, que antes haviam passado despercebidos.

Esse padrão de agregação familiar reforça o que já demonstram os grandes estudos populacionais: ter um parente de primeiro grau com TEA aumenta várias vezes a chance de outro diagnóstico.

Ou seja, além das pesquisas científicas, a própria experiência clínica mostra que o autismo possui uma forte base genética, que atravessa gerações.

Ambiente

Durante a gestação: idade avançada dos pais (principalmente paterna), prematuridade, baixo peso ao nascer, uso de ácido valpróico durante a gestação, infecções maternas e complicações obstétricas estão associados a maior risco.

Exposições ambientais: ainda em estudo, incluem poluentes, alguns medicamentos específicos e condições inflamatórias, mas sempre como fatores moduladores, não como causa única.

Desenvolvimento cerebral

Evidências de alterações precoces na conectividade neural e no equilíbrio entre excitação e inibição no cérebro ajudam a explicar os sintomas do espectro.

Isso fortalece a ideia de que o TEA é uma variação do desenvolvimento neurológico, e não uma doença adquirida posteriormente.

O que não causa autismo

É igualmente importante afirmar o que a ciência já descartou:

- vacinas não causam autismo;
- paracetamol, quando analisado com rigor científico, não demonstrou relação causal;
- educação ou estilo parental não são causas.

Reforçar essas conclusões é fundamental para reduzir estigmas e apoiar famílias.

Por que não existe uma única causa?

A ciência cada vez mais demonstra que o TEA não parece ser resultado de um único gatilho. Em vez disso, deve ser entendido como um padrão de interação entre fatores genéticos e ambientais, que podem ou não se expressar dependendo do contexto.

Assim como na hipertensão ou no diabetes, falamos de risco aumentado, e não de causa direta.

Complexidade

O autismo é uma condição complexa, multifatorial e profundamente humana.

Hoje, sabemos que sua origem está na interação entre genética e ambiente, mas não em causas isoladas ou simplistas.

Na clínica, isso se traduz em algo prático: ao diagnosticar uma pessoa, muitas vezes diagnosticamos também seus familiares, o que corrobora a noção de que o TEA se transmite de forma marcante nas famílias.

Abandonar os mitos e abraçar o conhecimento científico é fundamental não apenas para compreender o espectro, mas também para reduzir culpas, combater preconceitos e oferecer às famílias um caminho de informação, apoio e acolhimento.☺

1.255

genes têm
relação com
TEA

1% a 3%

é o risco ambiental
(intrauterino) de autismo,
o restante é genético.

1 em 38

crianças de 5 a 9 anos
tem diagnóstico de TEA
no Brasil, segundo o
Censo 2022 (IBGE).

60% a 80%

do risco corresponde
à herança genética,
segundo estudos
com gêmeos.





Trabalho no Espectro

Dez anos para
ver o que sempre
estive diante
de nós

Texto por Marcelo Vitoriano

Ilustração
Fernanda Barbie Brock





@specialisterne_br
 Specialisterne-Brasil
 SpecialisterneBrasil
 specialisternebrasil.com

Marcelo Vitoriano

é psicólogo, especialista em terapia cognitivo-comportamental e mestre em psicologia da saúde, atuou na gestão de diversidade e inclusão na Sodexo Brasil e atualmente é CEO da Specialisterne no Brasil, organização dinamarquesa presente em 23 países dedicada à inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho.

Há dez anos, decidimos caminhar por um território para onde quase ninguém queria olhar: o das potencialidades invisíveis. Em 2015, quando a Specialisterne chegou ao Brasil, falar em inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho ainda soava como utopia. As empresas buscavam perfis, discursos, comportamentos prontos e o que fugia ao padrão era simplesmente deixado de lado. A diferença era confundida com incapacidade. Mas, o tempo mostrou que a inclusão não é sobre dar espaço, e sim sobre ampliar o olhar. É entender que talento não tem formato único e que as competências que movem o futuro, como atenção, lógica, profundidade, foco, pensamento analítico, muitas vezes, estão onde o mercado não soube procurar.

O Brasil e a conta que não fecha

Três décadas depois da Lei de Cotas, ainda estamos longe de cumprir o básico. Segundo o Ministério do Trabalho, metade das vagas reservadas a pessoas com deficiência continua vazia. Entre os autistas, o abismo é ainda maior. Há profissionais brilhantes que nunca ultrapassaram a barreira da entrevista, não por falta de preparo, mas porque os processos seletivos seguem moldados por códigos sociais que nem sempre traduzem competência. A inclusão, quando existe, ainda se expressa em relatórios e não em rotinas. Em campanhas e não em práticas. O Brasil segue celebrando a diversidade no dis-

curso, mas tropeça na hora de transformá-la em pertencimento real.

Uma década para aprender a ouvir

Nestes dez anos, aprendemos que incluir é escutar o que o silêncio também comunica. É adaptar ritmos, repensar ambientes, flexibilizar rotinas e, sobretudo, reconhecer que o trabalho é um espaço de encontro e não de enquadramento. A Specialisterne nasceu da crença de que o autismo não é uma barreira, mas uma linguagem. Uma forma distinta e preciosa de perceber o mundo. E, quando as empresas aprendem essa língua, descobrem que a inclusão não é um favor, é uma revolução silenciosa que transforma o modo como se lidera, decide e cria. Em agosto, essa voz ecoou também no CONARH 2025, o maior congresso de gestão de pessoas da América Latina. Estar ali, no palco principal, ao lado de lideranças e representantes da causa, foi mais que simbólico de uma década dedicada a mostrar que incluir é um ato estratégico, não assistencialista. Que o futuro das orga-

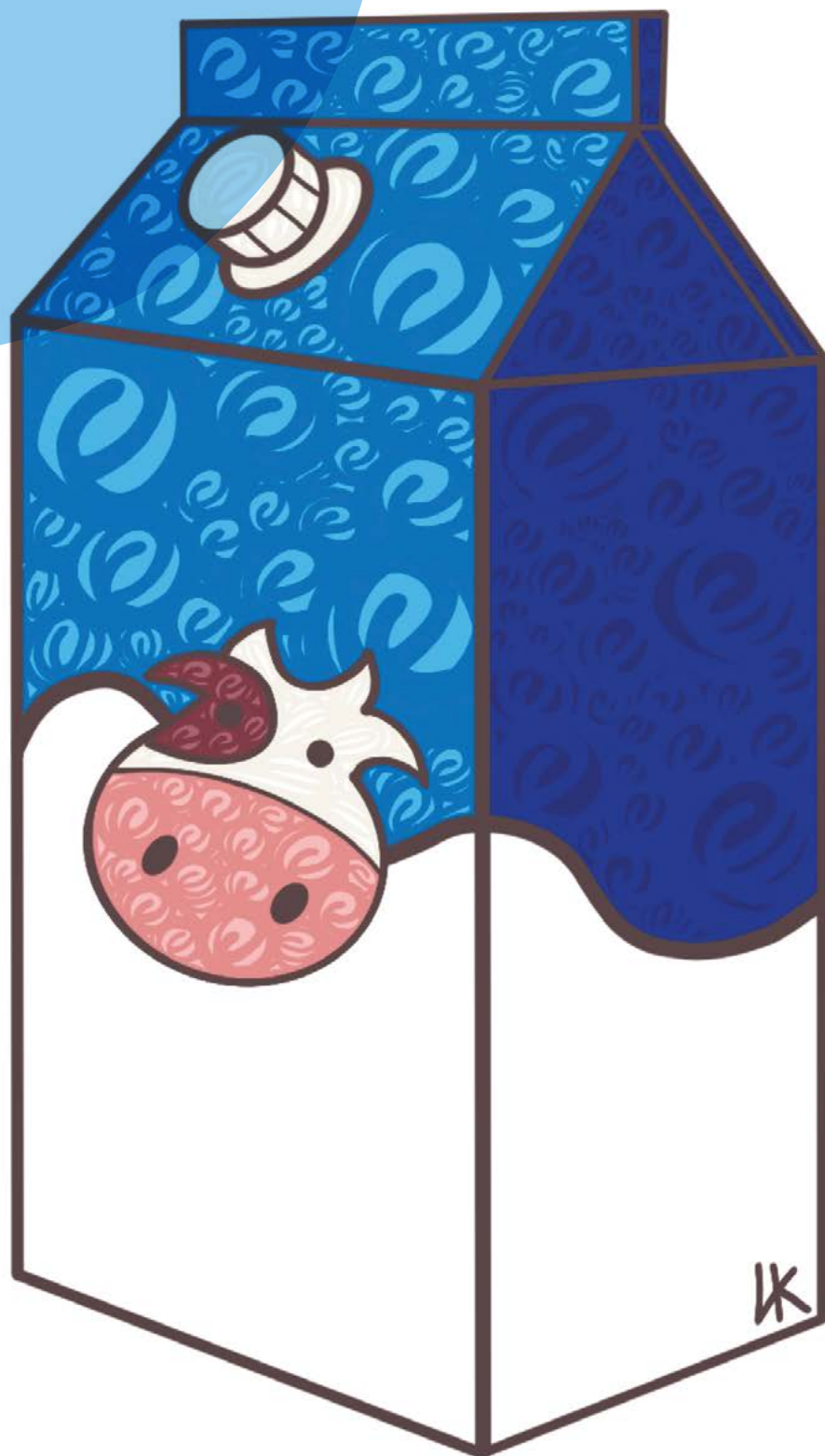
nizações será inclusivo, ou simplesmente não será.

O futuro que começa agora

Ao completar dez anos no Brasil, celebramos não apenas os empregos gerados ou os programas implantados, mas o amadurecimento de uma consciência coletiva. A de que não existe inovação sem empatia e que as empresas mais humanas são, também, as mais preparadas para o amanhã. Ainda há uma conta que o Brasil não fecha, mas há também um movimento que cresce e é nele que acreditamos. Porque incluir é, antes de tudo, reconhecer que o mundo é maior quando cabe mais gente dentro dele. ✨



Tudo o que podemos ser



Nícolas Brito Sales

@nicolasbritosalesoficial

tudooqueeupossoser@gmail.com



tem 26 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo,

profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

Seletividade alimentar

Texto por Nicolas Brito Sales

Ilustração
Lucas Ksénhuk

Recentemente, uma conversa sobre seletividade alimentar com meus amigos me inspirou a escrever este texto. Mas, afinal, o que é isso?

A seletividade alimentar é uma condição que reduz drasticamente o leque de alimentos que uma pessoa consegue ingerir. As razões são variadas, muitas vezes relacionadas a questões sensoriais — como textura (mole, crocante, cozida), cor, cheiro — ou até mesmo ao tipo de recipiente em que a comida é oferecida (prato raso, prato fundo, tigela, guardanapo, entre outros). É essencial que as pessoas entendam que isso não é frescura.

Aos dois anos de idade, eu literalmente só bebia leite. Segundo meus pais, essa foi a fase mais desafiadora da minha criação, com todo o foco voltado para a alimentação. Após inúmeras tentativas com diferentes alimentos, minha avó paterna recorreu a uma solução inusitada, porém necessária: ela batia vários alimentos no liquidificador com leite e colocava a mistura na minha mamadeira (sim, leitor, eu também consigo imaginar a sua expressão!). Naquele momento, realmente não havia alternativa viável.

Felizmente, foi apenas uma fase.

Meus pais, com muita persistência, continuaram a me apresentar novos alimentos ao longo da infância e adolescência. Não foi fácil, mas, aos poucos, consegui me acostumar a sabores diferentes. Eles sempre ofereciam algo novo acompanhado de algo que eu já tolerava, o que me ajudou a quebrar barreiras e aceitar novas experiências gastronômicas. Como eu não gostava de praticamente nada, meus pais priorizaram opções saudáveis, na esperança de garantir vitaminas, nutrientes e um crescimento adequado — e, felizmente, funcionou.

Hoje, eu como uma variedade muito maior de alimentos, ainda que mantenha minhas preferências. Aliás, adoro cozinhar pratos com texturas e sabores diversos: panquecas americanas, batatas rústicas, mac 'n cheese, sloppy joe, bolo red velvet — a lista é longa. E, para ser sincero, vou encerrar por aqui, porque escrever isso tudo me deu vontade de preparar uma dessas delícias!

E lembrem-se: para quem vive a seletividade alimentar, é importante buscar conforto nas preferências de textura e sabor e, sobretudo, lembrar que cada pessoa é única. Isso merece respeito. ∞



Quer ajuda no seu dia a dia? O Genioo faz pra você.



SAIBA MAIS
app.tismoo.com.br

O Genioo é uma ferramenta de Inteligência Artificial que tem a capacidade de melhorar o dia a dia de autistas, familiares e pessoas que se relacionam com autismo, auxiliando você em questões práticas.

Já imaginou ter um assistente para cada assunto abaixo?



Professor Genioo



Doutor Genioo



Enfermeiro Genioo



Nutri Genioo



Psicólogo Genioo

